

CVX-U | MATERIAL DE FORMAÇÃO

2º ANO

INTRODUÇÃO

Este material foi desenvolvido pela CVX de Portugal como programa de formação da CVX Universitária (CVX-U).

A CVX-U surgiu em Lisboa (Portugal) em 2005, atendendo ao desejo de estudantes universitários que buscavam um caminho que os ajudassem a estruturar uma vida de oração e crescimento espiritual seguindo os métodos inicianos. Imaginando que esse caminho pudesse ser adaptado da CVX, aqueles jovens desejavam aprofundar sua experiência cristã e preparar suas escolhas de vida através da prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Por isso, desde seu início a CVX-U tem uma orientação marcadamente vocacional.

O método adotado para a CVX-U prevê um roteiro de 3 anos de formação, quando, ao final daqueles, o grupo poderá fazer sua adesão à CVX.

O roteiro de reuniões apresentado neste compêndio refere-se ao **2º ano de formação** e traz um conjunto de **14 encontros** preparados sobre o tema **CONHECIMENTO DE JESUS CRISTO**.

Por que é que Jesus veio?

- O objectivo do ano 2 CVX-U é conhecer Jesus por dentro. Vamos seguir o seu percurso, observá-lo, escutá-lo, procurar descobrir o que o move, o que sente, por que faz o que faz...
- A primeira questão é: por que é que Ele se meteu nisto? O que veio cá fazer?
- Este TPC apresenta várias propostas para nos ajudarem a construir uma resposta bem pessoal. São para ser exploradas com calma, sempre guiados por aquilo que procuramos – onde o estamos a encontrar, aí permanecemos.
- Vamos então ao princípio. S. Inácio desafia a nossa imaginação a estar lá no momento, em directo...

CONTEMPLAÇÃO DA ENCARNAÇÃO (EE 101-109)

102 – Primeiro preâmbulo é recordar a história do assunto que tenho de contemplar, que é aqui como as três pessoas divinas observavam toda a planície ou redondeza de todo o mundo, cheia de homens, e como, vendo que todos desciam ao inferno, se determina, na sua eternidade, que a segunda pessoa se faça homem, para salvar o género humano. E, assim, chegada a plenitude dos tempos, é enviado o anjo S. Gabriel a nossa Senhora.

103 – Segundo [preâmbulo]. Composição, vendo o lugar. Aqui será ver a grande extensão e redondeza do mundo, no qual estão tantas e tão diversas gentes. Assim mesmo, depois, particularmente, a casa e aposentos de nossa Senhora, na cidade de Nazaré, na província de Galileia.

104 – Terceiro [preâmbulo]. Pedir o que quero; será aqui pedir conhecimento interno do Senhor que, por mim, se fez homem, para que mais o ame e o siga.

105 – Nota. Convém aqui notar que esta mesma oração preparatória, sem a mudar, como está dito no princípio, assim como os mesmos três preâmbulos se hão-de fazer nesta semana e nas outras seguintes, mudando [nesses] a forma segundo a matéria proposta.

106 – Primeiro ponto é ver as pessoas, umas e outras. E, primeiro, as da face da terra, em tanta diversidade, assim em trajes como em gestos: uns brancos e outros negros, uns em paz e outros em guerra, uns chorando e outros rindo, uns são e outros enfermos, uns nascendo e outros morrendo, etc; segundo, ver e considerar as três pessoas divinas, como [que] no seu

assento real ou trono da sua divina majestade, como observam toda a face e redondeza da terra, e todas as gentes em tanta cegueira, e como morrem e descem ao inferno; terceiro, ver nossa Senhora e o anjo que a saúda. E reflectir para tirar proveito de tal vista.

107 – Segundo [ponto]: ouvir o que dizem as pessoas sobre a face da terra, a saber, como falam umas com as outras, como juram e blasfemam, etc. Assim mesmo, o que dizem as pessoas divinas, a saber: «Façamos a redenção do género humano, etc.» E, depois, as palavras do anjo e de nossa Senhora. E reflectir, depois, para tirar proveito de suas palavras.

108 – Terceiro [ponto]: depois, observar o que fazem as pessoas sobre a face da terra, como ferir, matar, ir para o inferno, etc. Assim mesmo, o que fazem as pessoas divinas, a saber, realizar a santíssima Encarnação, etc. E, assim mesmo, o que fazem o anjo e nossa Senhora, a saber, o anjo cumprindo o seu ofício de legado, e nossa Senhora humilhando-se e dando graças à divina Majestade. E, reflectir, depois, para tirar algum proveito de cada uma destas coisas.

109 – Ao fim, se há-de fazer um colóquio, pensando o que devo dizer às três Pessoas divinas ou ao Verbo eterno encarnado, ou à Mãe e Senhora nossa, pedindo, conforme em si sentir, para mais seguir e imitar a nosso Senhor, assim recém-encarnado, dizendo um *Pai nosso*.

Tudo começa com um olhar...

1. **Acolher Jesus é antes de mais aprender o olhar da Trindade que O enviou até nós. Como é que eu olho o mundo? As pessoas?**

Esta contemplação é programática para a CVX:

Princípios Gerais da CVX, 1: As Três Pessoas Divinas, contemplando toda a Humanidade, em tantas divisões pecaminosas, decidem dar-se completamente a todos os homens e mulheres e libertá-los de todas as suas cadeias. Por amor, o Verbo encarnou e nasceu de Maria, a Virgem pobre de Nazaré. Inserido entre os pobres e partilhando com eles a sua condição, Jesus convida-nos a todos a entregarmo-nos continuamente a Deus e a instaurar a unidade no seio da nossa família humana. Este dom que Deus nos faz, e a nossa resposta, continua até hoje, sob a acção do Espírito Santo, em todas as nossas circunstâncias particulares. Por isso, nós, membros da Comunidade de Vida Cristã, escrevemos estes Princípios Gerais para nos ajudarem a fazer nossas as opções de Jesus Cristo e a participar por Ele, com Ele e n'Ele, nesta iniciativa de amor que expressa a promessa de Deus de fidelidade para sempre.

2. O olhar de Deus sobre o mundo leva à decisão e ao compromisso. E o meu olhar? O que vejo interpela-me, move-me?

DICAS para articular Exame e TPC

- Hoje, como é que olhei o mundo, à minha volta e longe?
- Como olha Deus para os espaços que percorri e as pessoas com quem me cruzei neste dia?
- Em que medida preciso de afinar o meu olhar para amanhã?

O meu objectivo, a graça que vou pedindo, é:

**conhecimento interno do Senhor
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

3. Com este desejo em mente, leio, reflecto e medito o princípio do Evangelho de S. João, parando onde encontro mais conhecimento de quem Jesus é e por que vem até nós...

Jo 1, 1-18

¹No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. ²No princípio Ele estava em Deus. ³Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência.

⁴Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. ⁵A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam.

⁶Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João.

⁷Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. ⁸Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz.

⁹O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. ¹⁰Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. ¹¹Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

¹²Mas, a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. ¹³Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus.

¹⁴E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.

¹⁵João deu testemunho dele ao clamar: «Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.’» ¹⁶Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças.

¹⁷É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo. ¹⁸A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.

A entrada em cena...

- Vimos a decisão, a motivação que leva Deus a encarnar, a vir em auxílio da humanidade.
- Agora é tempo de começar a perceber melhor o que significa realmente a encarnação. Como é que Deus, na pessoa de Jesus, assume a experiência humana na sua totalidade, se compromete com ela sem reservas nem excepções. E o que é que isso nos ensina e nos desafia para, também nós, vivermos a nossa vida de homens e mulheres, no mundo, junto com os outros homens e mulheres.
- O nosso objectivo, a graça que vamos pedindo, é:

**conhecimento interno do Senhor
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

Começamos por usar o nosso intelecto num esforço de compreensão, meditando, procurando perceber, aprofundar este texto transmitido por S. Paulo (um hino dos inícios do cristianismo) que sintetiza o caminho da encarnação:

Filipenses 2, 6-11

⁶Jesus, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus;
⁷mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem,
⁸rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.
⁹Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, ¹⁰para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; ¹¹e toda a língua proclame: "Jesus Cristo é o Senhor!", para glória de Deus Pai.

1. **Que sentimentos evoca em mim esta descida/esvaziamento de Deus em Jesus: Deus – homem – servo – obediente – cruz? Que me dá a conhecer de Jesus?**

2. **Conhecemos muito bem como se fazem hoje as “entradas em cena” (inaugurações, tomadas de posse, apresentações de livros...), o aparecer de algo/alguém que se quer dar a conhecer. Rapidamente, anoto meia dúzia de características que essas ‘promoções’ procuram.**

3. **Em contraste, que opções orientam a “apresentação” de Jesus no meio de nós? Conferindo com o relato que temos...**

Lucas 2, 1-20

¹Por aqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra. ²Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria. ³Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade. ⁴Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, ⁵a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida. ⁶E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz ⁷e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. ⁸Na mesma região encontravam-se uns pastores que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos durante a noite. ⁹Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor refulgiu em volta deles; e tiveram muito medo. ¹⁰O anjo disse-lhes: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: ¹¹Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. ¹²Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura.» ¹³De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: ¹⁴«Glória a Deus nas alturas

e paz na terra aos homens do seu agrado.» ¹⁵Quando os anjos se afastaram deles em direcção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.» ¹⁶Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura. ¹⁷Depois de terem visto, começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele menino. ¹⁸Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores. ¹⁹Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração. ²⁰E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado.

Para alcançarmos o “conhecimento interno” não chega ficar pela consideração intelectual, é preciso descer ao coração. S Inácio propõe uma forma de oração que faz apelo à imaginação e aos afectos – a contemplação. É como fazer um filme e pôr-me eu lá no meio, como actor, interveniente, envolvido na acção...

4. Durante este tempo, procuro fazer repetidamente desta proposta de contemplação do nascimento de Jesus a minha forma de oração principal, seguindo as instruções e sugestões de Inácio.

CONTEMPLAÇÃO DO NASCIMENTO (EE 110-117)

111 – Primeiro preâmbulo é a história; e será aqui como desde Nazaré saíram nossa Senhora, grávida quase de nove meses, como se pode piamente meditar, assentada numa jumenta, e José e uma serva, levando um boi, para ir a Belém pagar o tributo que César impôs em todas aquelas terras.

112 – Segundo [preâmbulo], composição vendo o lugar; será aqui ver, com a vista imaginativa, o caminho desde Nazaré a Belém, considerando o comprimento, a largura, e se tal caminho era plano ou se por vales ou encostas. ²Assim mesmo, observar o lugar ou gruta do nascimento, se era grande, pequeno, baixo, alto, e como estava preparado.

113 – Terceiro [preâmbulo] será o mesmo e da mesma forma que na contemplação precedente. [Pedir o que quero. Aqui será pedir conhecimento

interno do Senhor que, por mim, se fez homem, para que mais o ame e o siga.]

114 – Primeiro ponto é ver as pessoas, a saber, ver nossa Senhora e José e a serva, e o Menino Jesus depois de já ter nascido, fazendo-me eu um pobrezinho e escravozito indigno que os observa, os contempla e os serve em suas necessidades, como se presente me achasse, com todo o acatamento e reverência possível; e, depois, reflectir em mim mesmo para tirar algum proveito.

115 – Segundo [ponto]: observar, advertir e contemplar o que falam; e, reflectindo em mim mesmo, tirar algum proveito.

116 – Terceiro [ponto]: observar e considerar o que fazem, como é caminhar e trabalhar, para que o Senhor venha a nascer em suma pobreza e, ao cabo de tantos trabalhos de fome, de sede, de calor e de frio, de injúrias e afrontas, para morrer na cruz; e tudo isto por mim;

5. Perto do final da quinzena, poucos dias antes da reunião, faço o balanço: que encontrei de novo quanto ao conhecimento de Jesus?

DICAS para articular Exame e TPC

- Hoje, como me relacionei com as pessoas com quem estive? Segundo a lógica da aproximação/esvaziamento de Jesus? Com a discricção e não-imposição manifestadas no nascimento?
- Ou de forma muito distinta do exemplo de Jesus?

Esperar, esperar: opção pelo tempo longo

- E... não acontece nada!
- Se alguma coisa Jesus não teve foi pressa. O Evangelho não nos diz quase nada sobre o que fez. Lucas resume tudo em duas frases: «regressaram à Galileia, à sua cidade de Nazaré. Entretanto, o menino crescia e robustecia-se, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele. (...) E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 39-40; 52).
- E, depois, aparece na vida pública. Mas, entretanto, passaram-se 30 anos!
- A “Vida Oculta” de Jesus desafia-nos a olhar como Ele espera, se prepara, dá tempo para crescer em maturidade; e (podemos imaginar) como mora com a sua família, como se prepara para exercer uma profissão, como vive a rotina do dia-a-dia banal.
- O nosso objectivo, a graça que vamos pedindo, continua a ser:

**conhecimento interno do Senhor
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

Que terá Jesus aprendido sobre a espera, sobre a aposta no tempo longo, evitando sucumbir à pressa? Três parábolas que conta mais tarde talvez nos resumam essa sabedoria:

Mateus 13, 24-33

O trigo e o joio - 24Jesus propôs-lhes outra parábola: «O Reino do Céu é comparável a um homem que semeou boa semente no seu campo. 25Ora, enquanto os seus homens dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e afastou-se. 26Quando a haste cresceu e deu fruto, apareceu também o joio. 27Os servos do dono da casa foram ter com ele e disseram-lhe: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois, o joio?’ 28‘Foi algum inimigo meu que fez isto’ - respondeu ele. Disseram-lhe os servos: ‘Queres que vamos arrancá-lo?’ 29Ele respondeu: ‘Não, para que não suceda que, ao apanhardes o joio, arranqueis o trigo ao mesmo tempo. 30Deixai um e

outro crescer juntos, até à ceifa; e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; e recolhei o trigo no meu celeiro.’»

O grão de mostarda - 31Jesus propôs-lhes outra parábola: «O Reino do Céu é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. 32É a mais pequena de todas as sementes; mas, depois de crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore, a ponto de virem as aves do céu abrigar-se nos seus ramos.»

O fermento - 33Jesus disse-lhes outra parábola: «O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado.»

1. Como é que eu lido com a espera, a maturação lenta, o tempo longo do crescimento? Sinto-me desafiado por estas parábolas? Como?

2. Procuo imaginar o que terá ocupado os pensamentos de Jesus até aos 30 anos? Como é que Ele ia fazendo projectos, congeminando cenários, pacientemente aprofundando desejos e planos sobre a realização da sua missão? E eu, faço o mesmo para minha vida futura? Que aprendo de Jesus

3. Nestes anos, Jesus vive a rotina normal no seio duma família que exteriormente não se distinguia das outras. Como é que eu vivo a rotina do dia-a-dia com os que mais de perto convivem comigo?
4. E aprendeu uma profissão que veio a desempenhar. Como se terá preparado?
Como me estou a preparar para também eu servir os outros através duma profissão? Que investimento? Que seriedade na obtenção de competências?
5. Perto do final da quinzena, poucos dias antes da reunião, faço o balanço: que encontrei de novo quanto ao conhecimento de Jesus?

DICAS para articular Exame e TPC

- Ao rever o meu dia, imagino Jesus na sua vida oculta: como teria Ele respondido aos desafios que se me apresentaram hoje?

Reflexão sobre o Advento e a espera

O Advento convida-nos à conversão da nossa atitude fundamental face ao tempo. Alerta-nos para não nos gastarmos no esforço fútil de tentar vencê-lo, sacrificando constantemente a fruição do presente por um futuro sempre diferido e a que nunca chegamos. Em vez disso, pela aceitação serena da espera e a exploração da profundidade da expectativa, procura levar-nos à harmonia com o fluxo do tempo que vamos acolhendo e nunca podemos dominar. Desafia-nos a gozar do que já temos e, sem desistir dos nossos sonhos e desejos, antes pelo contrário, faz-nos perceber que não precisamos de ter imediatamente tudo o que desejamos, que a felicidade não está em transformar instantaneamente todo o desejo em realidade, mas em descobrir paulatinamente toda a espessura dos desejos mais fundos e deixar-se guiar por eles.

Esperar pelo que se deseja é oportunidade de aprofundar e purificar o desejo, de reconhecer a dimensão da falta sentida. Só valem verdadeiramente as coisas por que vale a pena esperar, mas só esperando por elas se descobre quanto valem verdadeiramente para nós. Como diz o *Príncipezinho*, “é o tempo que perdeste com a tua rosa que faz a tua rosa tão importante”. É na ausência sentida que se avalia a dimensão do desejado. Sem uma anterior convivência alargada com a necessidade, por não se ter chegado a advertir o tamanho do vazio que é preciso encher, qualquer satisfação será sempre superficial e por isso rapidamente descartada em favor da busca ávida de outra nova. Paradoxalmente, a espera, revelando-nos a dimensão da nossa indigência, é também aquilo que abre para a possibilidade de aproximação à plenitude profunda sustentadamente sentida e fruída.

A espera põe-nos em contacto mais próximo com aquilo de que precisamos mas que não depende de nós, que tem que ser aguardado. Aprender a esperar em paz é reconhecer sem ansiedade os nossos limites, a verdade da nossa realidade. A temporalidade do nosso ser é a experiência que mais imediatamente nos recorda que somos criaturas: recebemo-nos a nós mesmos e, portanto, o nosso viver, para ser conforme com a realidade que somos, tem que ser mais acolhimento e resposta que projecto e controlo.

Hermínio Rico sj.

Jesus tem um sonho...

- Mas Jesus é um homem com uma missão. Ele tem um projecto, um sonho para a humanidade. E a isso se vai entregar completamente, dando tudo o que é e que tem para fazer desse sonho uma realidade neste mundo.
- Vamos tentar perceber como Jesus vivia o entusiasmo pelo seu sonho e que sonho era (é) esse.
- O nosso objectivo, a graça que vamos pedindo, continua a ser **conhecimento interno de Jesus, para que mais o ame e o siga**, mas, desta vez, acrescentamos: **conhecimento do seu sonho e graça de me entusiasmar também por ele**.

Começamos por escutar Jesus a apresentar o seu sonho, quando mostra que tem consciência de ser enviado por Deus para realizar um projecto:

Lucas 4, 14-21

¹⁴Impelido pelo Espírito, Jesus voltou para a Galileia e a sua fama propagou-se por toda a região. ¹⁵Ensinava nas sinagogas e todos o elogiavam. ¹⁶Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. ¹⁷Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

¹⁸«O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,

¹⁹a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»

²⁰Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele.

²¹Começou, então, a dizer-lhes: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.»

1. Ao procurar escutar Jesus a pronunciar estas palavras, que mais me toca? Sinto-me entusiasmado por este plano?

2. Imagino que estava lá presente naquele momento e, assim que Jesus acabou de falar, movido por um impulso, me dirijo a Ele: que lhe digo?

“O sonho comanda a vida”; “pelo sonho é que vamos”. Muitos fazem do seu sonho para o mundo um projecto de vida pelo qual dão a vida. Um exemplo:

Eu Tenho um Sonho

Digo-vos agora, meus amigos, que embora nos confrontemos com as dificuldades de hoje e de amanhã, eu continuo a ter um sonho. Um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Eu tenho um sonho que um dia esta nação se erguerá e viverá o verdadeiro significado do seu credo: “Tomamos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais.”

Eu tenho um sonho que um dia, nos montes vermelhos da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos senhores dos escravos serão capazes de se sentar juntos à mesa da fraternidade.

Eu tenho um sonho que um dia até o estado do Mississippi, um estado a consumir-se com o fogo da injustiça, a consumir-se com o fogo da opressão, será transformado num oásis de liberdade e de justiça.

Eu tenho um sonho que as minhas quatro criancinhas viverão um dia numa nação em que não serão julgados pela cor da sua pele mas pelo teor do seu carácter. Eu hoje tenho um sonho.

Eu tenho um sonho que um dia lá em baixo no Alabama, com os seus racistas ferozes, com o seu governador de lábios a escorrer palavras de “interposição” e

“nulificação”, um dia aí mesmo no Alabama meninos negros e meninas negras terão a possibilidade de dar as mãos a meninos brancos e meninas brancas como irmãos e irmãs. Eu hoje tenho um sonho.

Eu tenho um sonho que um dia “todo o vale será levantado, e toda a colina e montanha será abaixada; os cumes serão aplanados, e os lugares escarpados endireitados; e a glória do Senhor manifestar-se-á, e toda a gente a verá ao mesmo tempo.”

Esta é a nossa esperança. Esta é a fé com que irei de volta para o Sul. Com esta fé seremos capazes de extrair da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé transformaremos as ruidosas discórdias da nossa nação numa bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé seremos capazes de trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, ir para a prisão juntos, erguermo-nos juntos em defesa da liberdade, sabendo que um dia seremos livres. Este será o dia, este será o dia em que todos os filhos de Deus poderão cantar com novo significado:

Meu país, “é de ti, doce terra da liberdade, de ti que eu canto.
Terra em que morreram os meus pais, terra do orgulho dos peregrinos,
de todas as faces das montanhas, deixa a liberdade ressoar!

E se a América é para ser uma grande nação, isto tem que se tornar verdade.
Por isso, deixem a liberdade ressoar dos prodigiosos cumes de New Hampshire.
Deixem a liberdade ressoar das poderosas montanhas de Nova Iorque.
Deixem a liberdade ressoar dos elevados Alleghenies da Pensilvânia.
Deixem a liberdade ressoar das Rochosas coroadas de neve do Colorado.
Deixem a liberdade ressoar das encostas ondulantes da Califórnia.
Mas não apenas isso. Deixem a liberdade ressoar desde o monte Stone da Geórgia.
Deixem a liberdade ressoar desde o monte Lookout do Tennessee.
Deixem a liberdade ressoar desde toda a colina e do Mississippi.
De todas as encostas, deixem a liberdade ressoar.

E quando isto acontecer, quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar em todas as aldeias e lugares, em todos os estados e todas as cidades, seremos capazes de apressar esse dia em que todos os filhos de Deus, homens brancos e homens negros, judeus e gentios, protestantes e católicos, darão as mãos e cantarão o velho espiritual negro

Livres, finalmente! Livres, finalmente!
Graças a Deus Todo-Poderoso,
somos livres finalmente!

Martin Luther King Jr.

28 Agosto 1963

Discurso dirigido à Marcha sobre Washington por Empregos e Liberdade

3. O sonho de Jesus... O sonho de Martin Luther King... E qual é o meu sonho? O que é que me entusiasma, que causas me movem, o que me faz correr na vida?

Descrevo o meu sonho, em forma de discurso, ou poema, ou...

E depois comparo os pontos principais dos 3 sonhos:

Sonho de Jesus	Sonho de M. L. King	O meu sonho

DICAS para articular Exame e TPC

- Hoje, vivi com entusiasmo, movido por um sonho grande?
- Em que momentos do dia é que isso se notou? Como?
- Houve alturas em que não fui fiel a esse sonho?

*Pelo sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos,
Pelo Sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
Que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
Com a mesma alegria,
ao que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
-Partimos. Vamos. Somos.
Sebastião da Gama*

Jesus convida a partilhar o seu sonho...

- Agora que ficámos a conhecer qual é o sonho de Jesus, o projecto a que se dá totalmente, a sua missão, não nos pode passar despercebido que Ele não quer nem pode realizar essa missão sozinho. Jesus quer partilhar esse mesmo sonho com os seus amigos, convida-os a colaborar na sua realização.
- S. Inácio, nos Exercícios Espirituais, apresenta isto através duma parábola, o “Chamamento do Rei” ou “Meditação do Reino”

O CHAMAMENTO DO REI TEMPORAL

92 – Primeiro ponto. Pôr diante de mim um rei humano, eleito pela mão de Deus nosso Senhor, a quem prestam reverência e obedecem todos os príncipes e todos os homens cristãos.

93 – Segundo [ponto]. Reparar como este rei fala a todos os seus, dizendo: Minha vontade é conquistar toda a terra de infiéis; portanto, quem quiser vir comigo, há-de contentar-se com comer como eu, e assim com beber e vestir, etc.; do mesmo modo há-de trabalhar comigo, durante o dia, e vigiar, durante a noite, etc., para que, assim, depois tenha parte comigo na vitória, como a teve nos trabalhos.

94 – Terceiro [ponto]. Considerar o que devem responder os bons súbditos a rei tão liberal e tão humano; e, por conseguinte, se algum não aceitasse a petição de tal rei, quão digno seria de ser vituperado por todo o mundo e tido por perverso cavaleiro.

A linguagem e o imaginário são medievais. Se calhar dizem-nos pouco... Mas podemos pensar, mais adequado à nossa mentalidade:

1. **Quem são os meus heróis no mundo de hoje? Que causas considero as mais importantes, me entusiasmam mais, e quem são os grandes promotores delas? (penso em dois ou três...) Se algum desses me telefonasse, convidando-me para ser seu braço direito, como me sentiria? Que lhe responderia)**

E S. Inácio continua, propondo que se compare essa proposta e o entusiasmo da reacção a ela, com a resposta ao convite de Jesus:

95 – A Segunda Parte deste exercício consiste em aplicar o exemplo precedente do rei temporal a Cristo nosso Senhor, conforme aos três pontos expostos.

E *quanto ao primeiro ponto*, se consideramos tal apelo do rei temporal a seus súbditos, quanto é coisa mais digna de consideração ver a Cristo nosso Senhor, rei eterno, e diante dele todo o mundo universal, ao qual e a cada homem, em particular, chama e diz: Minha vontade é conquistar todo o mundo e todos os inimigos, e assim entrar na glória de meu Pai; portanto, quem quiser vir comigo, há-de trabalhar comigo, para que seguindo-me na pena, me siga também na glória.

96 – Segundo [ponto]: Considerar que todos os que tiverem juízo e razão oferecerão todas as suas pessoas ao trabalho.

- O nosso objectivo, a graça que vamos procurando, continua a ser conhecimento interno de Jesus, para que mais o ame e o siga, mas, desta vez, S. Inácio propõe que peçamos a **graça de não sermos surdos ao chamamento de Jesus, mas prontos a oferecermo-nos para colaborar com Ele.**

2. **Jesus convida para uma amizade profunda com Ele. Experimento Jesus verdadeiramente como meu amigo? E como é que quero ser amigo dele? Até onde? Com que prioridade de atenção e dedicação?**

Mt 16, 13-15

Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?»¹⁴ Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.»¹⁵ Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?»

- **Quem é Jesus para mim, realmente, não só de palavras?**

3. E Jesus convida para uma obra, para colaborar na missão dele – a construção do Reino de Deus. O Reino é a causa que me entusiasma e à qual quero dedicar a minha vida, seja qual for a forma concreta em que isso venha a concretizar?

Mt 5, 13-16

¹³«Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. ¹⁴Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; ¹⁵nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. ¹⁶Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.»

- **Que desafio concreto levanta para mim ser cristão no mundo de hoje?**

4. O chamamento de Jesus ergue-se contra a indolência e a tendência para a mediocridade. Evoca e alimenta uma salutar ambição, convida a mirar alto e longe. Sem se limitar a elas, não dispensa as virtudes humanas de coragem, determinação, esforço...

“A doutrina da vida árdua”

Eu quero pregar, não a doutrina da tranquilidade ignóbil, mas a doutrina da vida árdua; da vida de trabalho e esforço; de faina e luta; pregar essa mais alta forma de sucesso que advém não ao homem que apenas deseja a paz fácil, mas ao homem que não recua perante o perigo, a dificuldade, ou a labuta amarga, e que, como resultado, alcança o esplêndido triunfo final.

Uma vida de tranquilidade ignóbil, uma vida com aquela paz que flui meramente da falta de desejo ou de poder para lutar por grandes coisas é tão pouco digna duma nação como dum indivíduo...

Não admiramos o homem da paz tímida. Admiramos o homem que incorpora o esforço vitorioso; o homem que nunca prejudica o seu próximo; que está pronto para ajudar um amigo; mas que tem aquelas qualidades viris necessárias para triun-

far na luta severa da vida real. É duro falhar; mas é pior nunca ter tentado conseguir. Nesta vida não conseguimos nada que não seja por esforço. Dispensa do esforço no presente apenas significa que foi armazenado esforço no passado.

(...)

É, de longe, muito melhor ousar grandes coisas, alcançar grandes triunfos, embora entremeados pelo fracasso, do que juntar-se àqueles pobres espíritos que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem no crepúsculo cinzento que não conhece nem vitória nem derrota.

(...)

Enfrentemos corajosamente a vida de luta, resolutos a fazer o nosso dever bem e masculamente; resolutos a defender a rectidão por palavra e por acção; resolutos a ser tanto honestos como bravos, a servir altos ideais, usando, contudo, métodos práticos. Acima de tudo, não fujamos de qualquer luta, moral ou física, dentro ou fora da nação, desde que estejamos certos que a luta é justificada; pois é apenas através da luta, pela proeza dura e perigosa, que ultimamente alcançaremos o objectivo da verdadeira grandeza nacional.

Theodore Roosevelt

10 Abril 1899

Discurso em Chicago, a celebrar o Appomattox Day

- **Qual é o alvo da minha ambição enquanto seguidor e colaborador de Jesus? Que força tem ela como motor e nervo do arrojo com que vivo a vida?**

DICAS para articular Exame e TPC

- Que heróis me motivaram hoje?
- Neste dia, como é que fui mais bem e menos bem sucedido como ‘sal’ e ‘luz’?
- Abracei a vida árdua ou fugi dela? Em quê?

Jesus e o stress

- Vimos o sonho de Jesus para o mundo, sentimo-nos convidados a colaborar na sua realização – a trabalhar pelo Reino de Deus.
- Mas como é que isso se faz? Antes de mais, temos de aprender muito de Jesus. Ver como Ele faz, como está, como fala, como se comporta, como se organiza, como responde às muitas solicitações... como vive!
- Precisamos de ler e reler o Evangelho, observar bem o modo de ser e de estar Jesus, contemplar as cenas que nos são descritas procurando participar nelas...
- O nosso objectivo, a graça que vamos pedindo, continua a ser:

**conhecimento interno do Senhor
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

- Como seria o seu dia-a-dia? Como é que Ele geria o seu tempo? Também sofria de stress?

1. Olhemos para um dia típico de Jesus

Marcos 1, 21-39

²¹Entraram em Cafarnaúm. Chegado o sábado, veio à sinagoga e começou a ensinar. ²²E maravilhavam-se com o seu ensinamento, pois os ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei. ²³Na sinagoga deles encontrava-se um homem com um espírito maligno, que começou a gritar: ²⁴«Que tens a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos arruinar? Sei quem Tu és: o Santo de Deus.» ²⁵Jesus repreendeu-o, dizendo: «Cala-te e sai desse homem.» ²⁶Então, o espírito maligno, depois de o sacudir com força, saiu dele dando um grande grito. ²⁷Tão assombrados ficaram que perguntavam uns aos outros: «Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade que até manda aos espíritos malignos e eles obedecem-lhe!» ²⁸E a sua fama logo se espalhou por toda a parte, em toda a região da Galileia.

²⁹Saindo da sinagoga, foram para casa de Simão e André, com Tiago e João. ³⁰A sogra de Simão estava de cama com febre, e logo lhe falaram dela. ³¹Aproximando-se, tomou-a pela mão e levantou-a. A febre deixou-a e ela começou a servi-los. ³²À noitinha, depois do sol-pôr, trouxeram-lhe todos os enfermos e possessos, ³³e a cidade inteira estava reunida junto à porta. ³⁴Curou muitos enfermos atormentados por toda a espécie de males e expulsou muitos demónios; mas não deixava falar os demónios, porque sabiam quem Ele era.

³⁵De madrugada, ainda escuro, levantou-se e saiu; foi para um lugar solitário e ali se pôs em oração. ³⁶Simão e os que estavam com Ele seguiram-no. ³⁷E, tendo-o encontrado, disseram-lhe: «Todos te procuram.» ³⁸Mas Ele respondeu-lhes: «Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim.» ³⁹E foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expulsando os demónios.

- **O que é que, na atitude de Jesus, mais me impressiona neste texto do Evangelho?**
- **Qual me parece ser o segredo de Jesus para viver a este ritmo, sem stress e em contínua disponibilidade para a sua missão?**
- **O meu dia-a-dia tem alguma coisa em comum com este dia de Jesus? O que posso aprender de Jesus para viver o meu dia-a-dia melhor?**

2. **Jesus consegue estar sereno e em equilíbrio em todas as situações da vida. Causa e consequência disso é a sua atitude de estar inteiro em cada situação – não foge para a frente, nem fica para trás – vivendo tudo com a liberdade de quem se dá totalmente a cada pessoa, sem nunca ficar preso a coisa nenhuma, sobretudo a Ele mesmo...**

– **É este também um desejo meu? Aceito este desafio que o poeta me faz?**

Para ser grande, sê inteiro: nada
 Teu exagera ou exclui.
 Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
 No mínimo que fazes.
 Assim em cada lago a lua toda
 Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis

3. **E mais umas reflexões que podem ajudar...**

“Não te deixes levar pelo frenesim”

Os grandes homens, com dez vezes menos tempo, fazem dez vezes mais trabalho do que nós. Porquê? Sabem organizar-se; protegem, defendem ou são capazes de reconquistar a sua calma e, sobretudo, entregam-se totalmente a cada tarefa.

Não escrevas: «não tenho para ti nem um minuto; envio-te somente uma palavra...; desejaria...; etc.» Escreve imediatamente essa palavra, muito simplesmente; ganharás tempo e protegerás a tua calma.

Não digas a quem te procura: «Não te digo para te sentares porque tenho muita pressa..., etc.» e acabas por gastar um quarto de hora sem nada fazer. Mandas entrar e sentar-se e atende-o calmamente durante uns dez minutos, dando-lhe a impressão de que lhe reservas um dia inteiro.

Pedem-te um encontro? Não comeces por protestar: «é impossível, estou comprometido..., etc.», acabando por marcar uma data. Diz com um sorriso: “Com todo o gosto» e oferece a primeira data livre, mesmo que esteja ainda longe.

Quantas vezes te dizem: «Não tive coragem de falar contigo noutro dia..., pois estava tão apressado»? É grave, porque muitos outros se aproximaram de ti, foram-se embora e nunca o disseram. Mas, naquele dia, precisavam mesmo de ti.

Ninguém confia no homem atarefado porque não tem tempo para receber ninguém; está super ocupado!

Se quiseres viver como irmão, mantém sempre a tua porta aberta e um ou dois quartos para acolher quem passa.

Tens muito tempo à tua disposição, mas passas o tempo a perder tempo.

Nunca ganharás tempo a fazer muitas coisas de cada vez. À mesa, quando enches os copos, enche-os uns a seguir aos outros. A vida, é preciso enchê-la minuto a minuto, de contrário alguns momentos ficarão a transbordar e outros praticamente vazios.

Repete muitas vezes: agora, só tenho esta pessoa a receber, só tenho que escrever esta carta. **Agora, só tenho que fazer uma coisa, a que estou a fazer.** Desta maneira, agirás muito mais depressa, muito melhor, com muito menos fadiga.

Dormir e distender-se não é perder tempo, é ganhá-lo. O apetite varia de uns para os outros, Precisas de te conhecer e de te atribuir exactamente o que é necessário para preservar o teu equilíbrio e a tua calma. Não comas de manos, serias subalimentado. Não comas de mais, serias glutão. Estás sobrecarregado de trabalho? Oferece o teu sono ou o teu descanso ao Senhor e fica em paz, não percas tempo.

O tempo é um belo presente que Deus nos deu. E vai pedir-nos contas exactas dele. Mas fica tranquilo, pois Deus não é um mau pai; não dá um trabalho sem dar os meios para o realizar. **Há sempre tempo para fazer o que Deus nos manda fazer.**

Quando não tens tempo para realizar tudo, pára uns momentos e faz oração. Depois faz um esquema de como empregar o tempo sob o olhar de Deus. O que lealmente não puderes realizar, deixa-o, mesmo que os homens insistam e não compreendam, porque Deus não to dá para fazer. Assim, nunca tens trabalho demasiado para fazer.

Quando descobrires o que Deus deseja ver-te fazer, deixa tudo e entrega-te por inteiro a esse trabalho, pois Deus está à espera, nesse momento, precisamente aí, e em nenhum outro lugar.

Michel Quoist, *Construir*, Lisboa, São Paulo, 1995, 93-95

DICAS para articular Exame e TPC

- Como respondi a todas as solicitações do meu dia? Com serenidade ou com stress?
- Consegui estar inteiro em cada coisa?
- O que é que Deus me deu a fazer hoje? Fi-lo? Só isso?



Direito ao fracasso

Fascizante, a mentalidade actual só glorifica o vitorioso – sem se importar com os processos utilizados para o ser

Ouvimos com frequência alguns famosos dizer que «nunca tiveram derrotas» e «nem aceitam tê-las», pois perder, para eles, «nem a fei-
jões». Convictos da superioridade de que se acham investidos, os que tal afirmam não cuidam de entender que isso diminui-os mais do que valoriza, em-pobrece-os mais do que enriquece – mesmo que sejam multipoderosos e arquimilionários.

Não repararam que a qualidade, a superioridade das pessoas é feita, caldeada por êxitos e decepções, usutru-tos e renúncias, pompas e carências, alegrias e dores, apaziguamentos e angústias; não percebem que a dife-
rencia entre sucesso e fracasso é, por vezes, mínima, aci-dental, que os triunfadores de hoje podem ser os derro-tados de amanhã, e vice-versa, que o génio, o excepcio-nal leva tempo (às vezes gerações) a ser reconhecido.

A subcultura liberalista que nos domina está a fazer do fracasso uma peste, um opróbrio, como a miséria, a doença, a solidão, a velhice, a deficiência. Fascizante, a sua mentalidade só glorifica (retribui) o vitorioso – sem se importar com os processos utilizados para o ser.

Depois das excessivas ilusões postas no 25 de Abril, no socialismo, no cavaquismo, na CE, na Expo, calmos no oposto delas, refugiando-nos, com idêntico excesso, nas novelas de evasão (TV, literatura), nos soporíferos de bolso (futebol, *talk-shows*), no sobrenatural de ser-
viço (igrejas, seitas religiosas), no excitável de esquina (centros comerciais, erotismos), nas fugas de mão (ál-cool, droga); recusamo-nos (o não fazer ondas tornou-se uma prudência generalizada) a pensar, a conhecer, a intervir – regredimos.

Recém-cosmopolizados, fascinaamo-nos pelo ter, pelo exibir, o que fez com que nos tornássemos, pela crise eco-nómica desabada (com a sua espiral de corrupções, lo-bismos, hipocrisias, impunidades), de uma avareza afectiva terrível.
«Muita gente sente-se bem no mal e mal no bem», advertia Vitor Cunha Rego. Estamos a caminhar para clubes de restritos, para raças de eleitos – elegantes, ricos, bonitos, poderosos, amorais. Quem não logra aces-

“O sucesso pode diminuir as nossas capacidades e impedir-nos de pensar. O conformismo é, aliás, um alhizado seu”

so ao seu *status* (glamourosamente propagandeado pela comunicação cor-de-rosa) é porque o não merece, não é dotado, diligente, imaginativo, capaz. O salve-se quem puder faz-se pandemia.
A incapacidade da cultura, da ciência, da arte, da religião, da política, da justiça de dar resposta às questões envolventes, faz as pessoas voltar-se cada vez mais para o efêmero, o imediato, o oportunista, o hipnótico. Ao não atingirem os padrões de consumo prometidos, e ao não verem reconhecidos os valores que as formaram, elas entraram em processo de deplorável desvalorização íntima.
«O sucesso pode diminuir as nossas capacidades e impedir-nos de pensar. O conformismo é, aliás, um alhizado seu», destaca Agustina Bessa-Luis.

É nos núcleos centralizadores que ele reina, absoluto, ou seja, nos imaginários rasos, nos modismos auto-fágicos, nos mercados fosforescentes, eucaliptizando o inovador, o periférico, o diferente, o inventivo; núcleos que assentam no internacionalismo (não no universalismo), na massificação, na indiferenciação, na desistência.
O que é futuro não encontra, por norma, receptividade de em semelhante presente – daí terem-se tornado inaudíveis as vozes dos que reivindicam o direito ao fracasso, isto é, à recusa do modelo de triunfo hegemónico.
As exigências do êxito começam, enquanto, a perturbar as nossas vedetas e a ameaçar o provincialismo caseiro que as insula. Algumas estão já (puuuuu) a esvaziar-se pateticamente.

Os entânicos vencedores (na política, nas finanças, nos negócios, nas administrações, nas artes, nos espetáculos, nos desportos, nas modas, no «socialite», nas igrejas, na justiça, na comunicação, na sedução) não reflectem (reflectem tão pouco, afinal!) que as duas primeiras coisas que podem acontecer ao ser humano são: primeira, não concretizar as suas ambições; segunda, concretizar as suas ambições.
«O coração do sábio está junto do sofredor, o do ignorante do soberbo.» – *Livro de Eclesiastes*

Jesus é contracultural: compaixão em vez de competição

- Continuamos a querer conhecer Jesus para aprender dele. Quais eram os seus segredos para viver tão bem a vida que é a nossa? Sim, Ele assumiu inteiramente a experiência humana... mas não se deixou aprisionar pelos valores menos que humanos da sociedade à sua volta, pelas lógicas – que continuam a ser as nossas – da competição e da procura do domínio sobre os outros. Nisto, foi (e continua a ser) contracultural!
 - Olhamos agora para os critérios de Jesus. Precisamos de os compreender, de os perceber bem com a nossa inteligência, procurando ver que é Ele que vê certo, que a sua estratégia de vida para alcançar a felicidade é a verdadeira – mesmo que nos deixe perplexos, a princípio.
 - O nosso objectivo, a graça que vamos pedindo, continua a ser o conhecimento de Jesus. Agora, concretizámos, pedimos a **graça do conhecimento dos critérios e valores de Jesus para também nós os adoptarmos cada vez mais na nossa vida**. É uma graça que temos que pedir, para que a inteligência e o coração sejam transformados segundo o exemplo de Jesus.
- 1. Os discípulos de Jesus são os primeiros a terem dificuldade em perceber a lógica do Mestre. Olhemos para a paciência de Jesus a procurar ensinar os discípulos:**

Mateus 20, 20-28

²⁰Aproximou-se então de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu, com os seus filhos, e prostrou-se diante dele para lhe fazer um pedido. ²¹«Que queres?» - perguntou-lhe Ele. Ela respondeu: «Ordena que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu Reino.» ²²Jesus retorquiu: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu estou para beber?» Eles responderam: «Podemos.» ²³Jesus replicou-lhes: «Na verdade, bebereis o meu cálice; mas, o sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence a mim concedê-lo: é para quem meu Pai o tem reservado.» ²⁴Ouvindo isto, os outros dez ficaram indignados com os dois irmãos. ²⁵Jesus chamou-os e disse-lhes: «Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. ²⁶Não seja

assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e ²⁷quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo. ²⁸Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão.»

Marcos 9, 33-35

³³Chegaram a Cafarnaúm e, quando estavam em casa, Jesus perguntou: «Que discutíeis pelo caminho?» ³⁴Ficaram em silêncio porque, no caminho, tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior. ³⁵Sentando-se, chamou os Doze e disse-lhes: «Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servo de todos.»

- **Encontro, no meu pensar e no meu agir, algo em comum com estes discípulos?**
- **Jesus não condena a ambição e o desejo de grandeza, mas orienta-os no sentido certo – o serviço. Quero fazer-me grande à maneira de Jesus? Que preciso de reorientar nos meus valores para crescer nessa direcção?**

- 2. Uma reflexão sobre este tema que o explica mais um bocadinho, duma maneira muito desafiadora (talvez até provocatória)...**

“Da competição à compaixão”

Num mundo em que a competição continua a ser a forma dominante como as pessoas se relacionam umas com as outras, quer na política, quer no desporto e na economia, todos os verdadeiros crentes proclamam a compaixão, e não a competição, como o método de Deus.

Como é possível fazer da compaixão o centro da nossa vida? Como seres ansiosos, vulneráveis e mortais - de alguma forma, sempre envolvidos, algures na luta pela sobrevivência -, a competição parece oferecer-nos uma boa dose de satisfação (...) vencer é o que mais se deseja e admira. (...)

A compaixão - que, à letra, significa «sofrer com» - é a via para a certeza de que somos cada vez mais nós mesmos, não quando somos diferentes dos outros, mas quando somos uma e a mesma coisa. (...) Não é o «suplantar» mas sim o «servir» que faz de nós pessoas mais humanas; não é o demonstrarmos a nós mesmos que somos melhores do que os outros, mas sim confessarmos que somos precisamente como os outros. É esse o caminho para a cura e a reconciliação. (...)

Jesus mostra-nos o caminho da compaixão, não só pelo que diz mas também pela forma como vive. Jesus fala como o Filho bem-amado de Deus. (...) Jesus é o «Bem-Amado» de Deus. Esta verdade espiritual guiará todos os seus pensamentos, palavras e acções. (...)

A vida de compaixão é a vida da mobilidade descendente! Numa sociedade em que a mobilidade ascendente é a norma, a mobilidade descendente não só não é encorajada como inclusivamente é considerada imprudente, pouco saudável, senão mesmo completamente estúpida. Quem será que escolhe livremente um emprego mal pago quando lhe é oferecido um outro bem pago? Quem será que escolhe a pobreza quando a riqueza está ao seu alcance? Quem será que escolhe um lugar escondido quando há um lugar na ribalta da vida? (...)

Toda a minha vida, fui encorajado por gente bem intencionada a «subir na escala» e o argumento mais comum era: «Nessa posição, pode fazer tanto bem a tanta gente!».

Mas essas vozes chamando-me à mobilidade ascendente estão completamente ausentes do Evangelho (...) a via descendente de Jesus (...) a via que leva aos pobres, aos que sofrem, aos marginalizados, aos prisioneiros, aos refugiados, aos que estão sós, aos esfomeados, aos moribundos, aos torturados, aos sem-tecto - a todos os que pedem compaixão. O que é que eles têm a oferecer em troca? Nem sucesso, nem popularidade, nem poder, mas a alegria e a paz dos filhos de Deus.

A mobilidade descendente, o ir ter com os que sofrem e partilhar as suas penas, parece que sabe um pouco a masoquismo ou até doença. Que alegria pode haver na solidariedade para com os pobres, os doentes e os moribundos? Que alegria pode haver na compaixão? (...)

Esta é, obviamente, uma alegria desconhecida do nosso mundo. Se nos guiássemos pelo que nos dizem os meios de comunicação social, a alegria devia ser o resultado do sucesso, da popularidade e do poder, mesmo que os que detêm essas coisas tenham, com frequência, um coração pesado e até deprimido.

A alegria que provém da compaixão é um dos segredos mais bem guardados da humanidade. É um segredo só conhecido de muito poucas pessoas, um segredo a descobrir continuamente. (...)

A alegria é o dom secreto da compaixão. Continuamos a esquecer-nos disso e inconscientemente procuramo-la em outros lugares. (...)

Seria triste se pensássemos que a vida de compaixão é uma vida de heroica auto-negação. A compaixão, como movimento descendente para a solidariedade, em vez de movimento ascendente para a popularidade, não exige gestos heroicos ou uma viragem sensacional. Com efeito, a vida de compaixão quase sempre está escondida na quotidianidade da nossa vida de todos os dias.

A questão que realmente conta não é, pois, se devemos imitar a Madre Teresa, mas se devemos abrir o coração aos pequenos sofrimentos daqueles com os quais partilhamos a nossa vida. Estamos ou não na disposição de nos ocuparmos dos que não estimulam a nossa curiosidade? Ouvimos os que não nos atraem imediatamente? Sentimos por aqueles cujo sofrimento permanece escondido aos olhos do mundo? (...)

A verdadeira compaixão começa sempre exactamente onde nós estamos.

Henri Nouwen, *Aqui e Agora*, Lisboa, Paulinas, 2002, 103-118

3. **Faz algum sentido para mim que a via da mobilidade descendente, da compaixão, é a fonte da verdadeira alegria? Conheço algum exemplo, na vida de outros, que o confirme? Fiz eu já alguma experiência disso mesmo?**

4. **Avancei alguma coisa na compreensão, pela minha inteligência, que os critérios e valores de Jesus garantem melhor vida que os critérios do “mundo”? Ou ainda tudo me deixa sobretudo perplexo? Em quê? Como?**

DICAS para articular Exame e TPC

- Onde tirei a energia para viver o dia de hoje, da competição ou da compaixão? O serviço foi a minha ambição?
- Em que alturas me deixei levar pelo instinto de competição? Experimentei também agir desde a compaixão? Que frutos deixou cada um desses momentos?

Ter, aparecer e poder

PARA AS FÉRIAS NÃO PROponho SÍTIOS, LIVROS OU PROGRAMAS. Suscito uma reflexão de vida. Hoje, não há tempo, não há disponibilidade, não há contexto, não há estímulo para se fazer, com regularidade, uma reflexão de vida. As férias são o período ideal para nos percorrermos interiormente e nos questionarmos sobre o sentido das nossas opções, do nosso tempo, dos nossos resultados.

Uma das propostas que sempre me impressionou, como método de nos visitarmos, foi a de Santo Inácio de Loyola.

Para ele havia dois caminhos: o do ter, a que contrapunha o do desprendimento, o do aparecer, a que contrapunha o da humildade, e o do poder, a que contrapunha o do serviço.

Ter, aparecer e poder, de um lado, desprendimento, humildade e serviço, do outro.

A radicalidade tem a enorme vantagem de nos

dência sem com isso perder o sentido da humildade, como é possível conceber o poder como um instrumento a que se acede para servir os outros. O essencial é o sentido íntimo dos nossos actos.

Há também dentro de nós compromissos inevitáveis, mesmo indispensáveis, e há que seguir esse caminho se ele é o que sabemos percorrer.

O ponto crítico desta reflexão de vida, todavia, mantém-se intacto: até que ponto, na nossa imensa auto-suficiência, somos realmente capazes de nos encontrar a nós próprios?

Numa sociedade de sucesso, será que temos o sucesso de ser felizes? E, sendo felizes, porque tudo nos corre bem e de feição, quantos dias da nossa vida saboreámos essa felicidade?

E para os que têm consciência de que não são felizes, para aqueles a quem a vida não correu tão bem assim, quantos dos desaires vividos tiveram



É possível ter riqueza e cultivar o sentimento de desprendimento, ganhar evidência sem perder o sentido da humildade

desarrumar. O que está quieto e seguro, fica agitado e sem paz, à procura da verdadeira paz.

Tem também essa outra vantagem de nos tocar no fundo de nós mesmos, onde inexoravelmente somos e onde raramente nos confrontamos.

Tem, por fim, a vantagem de revelar que este dilema de caminhos de vida é um dilema inscrito no Homem, está para além das convicções religiosas ou outras, é matéria de humanidade.

A questão essencial está em nos deixarmos interpelar sobre se não seremos mais felizes desprendidos do que acumulando e consumindo, se não seremos mais livres agindo com humildade e discrição, em lugar de nos evidenciarmos e dependermos dessa evidência, se não seremos mais nós próprios encontrando, nas mais corriqueiras como nas mais relevantes situações da vida, uma atitude de serviço, em lugar do frenesi de mandar e de dispor dos outros.

É possível ter riqueza e cultivar o sentimento de desprendimento, como é possível ganhar evi-

que ver com a busca incessante do ter, com a atracção incorrigível pela evidência, ou com esse tudo ou nada de só encontrar realização quando se tem poder?

Aquele que tem tudo e quer mais, tem mais do que aquele que tem pouco e está satisfeito? Aquele que tem poder e precisa do poder para viver, tem mais poder do que aquele que apenas quer servir?

Esta reflexão tem um teste muito interpelativo quando se tem a condição de pai ou de educador. Como educam os pais de hoje os seus filhos? Preparar os filhos para a competição da vida, artilhando-os, numa só dimensão, com esse impulso vital de ter e enriquecer, de não perder na luta das evidências e de ascender aonde o poder estiver, é o caminho certo?

Preparar os filhos para a vida, como os pais dizem, será prepará-los para a felicidade?

Quem vence na vida, o que foi mais longe aos olhos dos outros, ou o que foi mais longe dentro de si? ■

Os critérios de Jesus: o segredo da Vida verdadeira

- Continuamos a procurar conhecer os critérios e valores de Jesus. Qual era a sua estratégia global de vida? A que orientava a escolha dos meios para realizar a sua missão, a que lhe fornecia a hierarquia de valores para orientar todos os discernimentos e todas as opções?
- Para o objectivo do conhecimento de Jesus, pedimos a **graça de perceber os critérios e valores de Jesus como o caminho da vida verdadeira, e de ver o engano do caminho que o "Mundo" nos propõe**. É uma graça que temos que pedir, para que a nossa inteligência e o nosso coração sejam transformados segundo o exemplo de Jesus.
- O Evangelho apresenta-nos numa forma dramática a escolha fundamental que Jesus fez em termos de estratégia para o anúncio do Reino: opta por um caminho e rejeita outro (o que parecia mais eficaz e mais lógico); afirma uns valores-base e recusa as alternativas (mais "normais").

Mt 4, 1-11

¹Então, o Espírito conduziu Jesus ao deserto, a fim de ser tentado pelo diabo. ²Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. ³O tentador aproximou-se e disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.» ⁴Respondeu-lhe Jesus: «Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.» ⁵Então, o diabo conduziu-o à cidade santa e, colocando-o sobre o pináculo do templo, ⁶disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles sustenterão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra.» ⁷Disse-lhe Jesus: «Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus!» ⁸Em seguida, o diabo conduziu-o a um monte muito alto e, mostrando-lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, ⁹disse-lhe: «Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.» ¹⁰Respondeu-lhe Jesus: «Vai-te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto.» ¹¹Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no.

1. **Consigo explicar porque é que Ele rejeita as "tentações"? Percebo como esta opção é a chave de leitura para toda a sua vida, o segredo da coerência do seu caminho, do princípio ao fim?**

- *S. Inácio, nos Exercícios Espirituais, apresenta a estratégia de Jesus através duma parábola, a "Meditação das Duas Bandeiras", um confronto de lógicas alternativas entre Jesus e o "Mundo"*

AS DUAS BANDEIRAS

137 – *Primeiro preâmbulo* é a história. Será aqui como Cristo chama e quer a todos debaixo de sua bandeira, e Lúcifer, ao contrário, debaixo da sua.

138 – ¹*Segundo [preâmbulo]*, composição, vendo o lugar. Será aqui ver um grande campo de toda aquela região de Jerusalém, onde o sumo capitão general dos bons é Cristo nosso Senhor; outro campo na região de Babilónia, onde o caudilho dos inimigos é Lúcifer.

139 – ¹*Terceiro [preâmbulo]*. Pedir o que quero; e será aqui pedir conhecimento dos enganamentos do mau caudilho, e ajuda para deles me guardar; e conhecimento da vida verdadeira que mostra o sumo e verdadeiro capitão, e graça para o imitar.

140 – *Primeiro ponto*. Imaginar assim como se se assentasse o caudilho de todos os inimigos naquele grande campo de Babilónia, como que numa grande cátedra de fogo e fumo, em figura horrível e espantosa.

141 – ¹*Segundo [ponto]*. Considerar como faz chamamento de inumeráveis demónios e como os espalha, a uns numa cidade e a outros noutra, ²e assim por todo o mundo, não deixando províncias, lugares, estados nem pessoas algumas em particular.

142 – ¹*Terceiro [ponto]*. Considerar o sermão que lhes faz e como os admoesta a lançar redes e cadeias; que primeiro hão-de tentar com cobiça de riquezas, como costuma, a maior parte das vezes, para que mais facilmente venham a vã honra do mundo e, depois, a grande soberba. De maneira que o primeiro escalão seja de riquezas, o segundo de honra, o terceiro de soberba, e destes três escalões induz a todos os outros vícios.

143 – Assim, pelo contrário, se há de imaginar do sumo e verdadeiro capitão, que é Cristo nosso Senhor.

144 – *Primeiro ponto*, considerar como Cristo nosso Senhor se apresenta num grande campo daquela região de Jerusalém, em lugar humilde, formoso e gracioso.

145 – *Segundo [ponto]*, considerar como o Senhor de todo o mundo escolhe tantas pessoas, apóstolos, discípulos, etc., e os envia por todo o mundo a espalhar a sua sagrada doutrina por todos os estados e condições de pessoas.

146 – ¹ *Terceiro [ponto]*, considerar o sermão que Cristo nosso Senhor faz a todos os seus servos e amigos, que envia a esta expedição, encomendando-lhes que queiram ajudar e trazer a todos, primeiro a suma pobreza espiritual, e, se sua divina majestade for servida e os quiser escolher, não menos à pobreza actual; segundo, ao desejo de opróbrios e desprezos, porque destas duas coisas se segue a humildade; de maneira que sejam três os escalões: o primeiro, pobreza contra riqueza; o segundo, opróbro ou desprezo contra a honra mundana; o terceiro, humildade contra a soberba; e destes três escalões induzam a todas as outras virtudes.

147 – ¹ *Um colóquio* a nossa Senhora para que me alcance graça de seu Filho e Senhor, para que eu seja recebido debaixo de sua bandeira, e *primeiro* em suma pobreza espiritual, e, se sua divina majestade for servido e me quiser escolher e receber, não menos na pobreza actual; *segundo*, em passar opróbrios e injúrias, para mais nelas o imitar, contanto que as possa passar sem pecado de nenhuma pessoa nem desprazer de sua divina majestade; e, depois disto, uma *Avé Maria*.

Segundo colóquio. Pedir o mesmo ao Filho, para que mo alcance do Pai; e, depois disto, dizer *Alma de Cristo*.

Terceiro colóquio. Pedir o mesmo ao Pai, para que ele mo conceda; e dizer um *Pai nosso*.

Mais uma vez, a linguagem e o imaginário são medievais. O importante é perceber que há duas lógicas cumulativas, em que de pontos de partida opostos se vai evoluindo numa escala... São duas estratégias de escolha de meios que levam a resultados opostos. Uma está metida em nós e funciona quase instintivamente; a outra, a de Jesus, é-nos estranha e precisa de ser valorizada e experimentada para ganhar raízes.

Uma proposta de tradução contemporânea da sabedoria das Duas Bandeiras

A questão fundamental é esta: como respondemos à nossa experiência de insegurança, de vulnerabilidade – de que não gostamos e de que tentamos fugir? Que estratégia usamos?

Normalmente, um processo cumulativo em três passos:

- Ao sentir vulnerabilidade, procuramos segurança em coisas que pensamos que nos protegem... fazemos dela seguros de vida... caímos no erro de pensar que a insegurança interior se resolve por protecções exteriores...
- A pseudo-segurança baseada na posse de coisas procura confirmação dos outros (porque é insegura): quer reconhecimento, ratifica-

ção..., precisa de admiração, busca honra, alimenta inveja dos outros...

- Mas é uma pseudo-segurança sempre ameaçada, sempre a ser testada; daí a competição, a necessidade de vencer que pode chegar até ao manipular e dominar o outro – se ele estiver por baixo eu estarei seguro porque melhor do que ele...

Contra este caminho de riquezas, honra, soberba, Jesus responde à mesma experiência de vulnerabilidade de uma outra forma:

- Encontra segurança no Pai, no ser amado por Ele: no ser não no ter
- Vive a sua vida dando-se, sendo para os outros, não protegendo-se: a verdade de quem é basta-lhe
- Os outros são vistos não como uma ameaça, mas como oportunidades para servir e os elevar e assim se realizar, encontrar a vida com sentido pleno.

Jesus responde com pobreza/simplicidade/desprendimento; humildade e autenticidade transparente; serviço e entrega de si mesmo aos outros. Não vive para si e por isso **vive!**

2. S. Inácio mostra através desta parábola quais são os critérios de Jesus e como estes são (por muito estranho que isso possa parecer) o segredo da vida verdadeira, o caminho da maior felicidade: não na riqueza, na honra e no poder; mas na pobreza, na humildade e no serviço

- **Que me parece? A realidade comprova ou não comprova a verdade dos critérios de Jesus? Onde é que vemos e experimentamos a felicidade mais genuína? Não é na vivência daquilo que mais nos aproxima dos valores de Jesus?**

DICAS para articular Exame e TPC

- Durante o dia de hoje, consigo encontrar exemplos do funcionamento em mim da lógica de cada uma das duas bandeiras?
- Que bandeira mais servi?

Jesus e os amigos

- Não temos dúvidas que Jesus se entregava totalmente aos outros, não fazia acepção de pessoas e estava sempre disponível para todos; não viveu para si, mas para o serviço dos outros, a quem comunicava aceitação, perdão, amor. O seu exemplo é de extraordinária dedicação e disponibilidade, em caridade e doação de si.
- Mas podemos correr o risco de idealizar tanto o relacionamento de Jesus com as pessoas que o pomos completamente noutra nível, parece até que o desumanizamos um pouco; Jesus amava todos, mas isso não significava que tratava todos por igual, ou que os seus relacionamentos eram todos do mesmo tipo, um standard neutro.
- O Evangelho dá-nos indícios de várias relações de amizade especiais mantidas por Jesus. Uma delas é com a família de Marta, Maria e Lázaro. Temos que imaginar tudo o resto, mas o que nos é dito abre para uma consideração muito frutífera do modo de Jesus valorizar e cultivar a amizade – que depois nos pode ajudar a avaliar o nosso modo de sermos amigos.
- É mais um prisma pelo qual continuamos a procurar o

**conhecimento interno de Jesus
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

1. Começo por ler os três trechos dos Evangelhos que se seguem

Lc 10,

³⁸Continuando o seu caminho, Jesus entrou numa aldeia. E uma mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa.

³⁹Tinha ela uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra.

Jo 11

¹Estava doente um homem chamado Lázaro, de Betânia, terra de Maria e de Marta, sua irmã. ²Maria, cujo irmão, Lázaro, tinha caído doente, era aquela que tinha ungido os pés do Senhor com perfume e lhos enxugara com os seus cabelos. ³Então, as irmãs enviaram a Jesus este recado: «Senhor, aquele que amas está doente.» (...) ⁵Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de

Lázaro. (...) ²⁰Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-lo, enquanto Maria ficou sentada em casa. (...) ²⁸ voltou a casa e foi chamar sua irmã, Maria, dizendo-lhe em voz baixa: «Está cá o Mestre e chama por ti.» (...) ³²Quando Maria chegou ao sítio onde estava Jesus, mal o viu caiu-lhe aos pés e disse-lhe: «Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido.» ³³Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus suspirou profundamente e comoveu-se. ³⁴Depois, perguntou: «Onde o pusestes?» Responderam-lhe: «Senhor, vem e verás.» ³⁵Então Jesus começou a chorar. ³⁶Diziam os judeus: «Vede como era seu amigo!»

Jo 12

¹Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde vivia Lázaro, que Ele tinha ressuscitado dos mortos. ²Ofereceram-lhe lá um jantar. Marta servia e Lázaro era um dos que estavam com Ele à mesa. ³Então, Maria ungiu os pés de Jesus com uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, e enxugou-lhos com os seus cabelos. A casa encheu-se com a fragrância do perfume.

- Houve alguma coisa que me surpreendeu? Será que isso me obriga a rever a ideia que faço de Jesus, para a ajustar mais à realidade que Ele efectivamente viveu?
- Usando a minha imaginação até onde ela der, como caracterizaria a amizade de Jesus com esta família? Encontrar-se-iam frequentemente? De que fariam? Que atenção particularizada lhes dava Jesus? Etc....
- Em que é que tudo isto enriquece o meu conhecimento de Jesus?

2. O desejo de Jesus de construir uma amizade efectiva, íntima, estende-se aos discípulos. É um convite que me é também dirigido:

Jo 15

⁹«Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor. ¹⁰Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor. ¹¹Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa. ¹²É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. ¹³Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. ¹⁴Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. ¹⁵Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai. ¹⁶Não fostes vós que me escolhes-tes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça; e assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá. ¹⁷É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros.»

- **Como reajo a estas palavras de Jesus? A que é que me desafiam?**

É claro, então, que Jesus nem se fechava em amizades exclusivas, nem se escudava em relacionamentos iguais para todos, distanciados e com pouco envolvimento. Foi amigo de todos sem deixar de ter amigos especiais e os amigos mais especiais não lhe tiraram disponibilidade para todos os outros.

O amor de amizade de Jesus era livre e libertador, não possessivo, manipulador ou dependente – promovia o bem do outro e a sua liberdade.

O grande desafio da amizade é não a manipularmos para servir a nossa busca de nós mesmos. O texto a seguir, embora fale do amor pelos filhos, pode-se também aplicar, em muitas coisas, às relações de amizade...

As crianças

Os vossos filhos não são vossos filhos: são filhos e filhas do chamamento da própria Vida.

Vêm por vosso meio mas não de vós; e apesar de estarem convosco, não vos pertencem.

Podeis dar-lhes o vosso amor; mas não os vossos pensamentos: porque eles têm pensamentos próprios.

Podeis acolher os seus corpos; mas não as suas almas: porque as suas almas habitam a casa de amanhã que não podeis visitar, nem sequer em sonhos.

Podeis esforçar-vos em ser como eles; mas não tenteis fazê-los como vós. Porque a vida não vai para trás, nem se detém com o ontem.

Sois os arcos, e os vossos filhos as setas vivas projectadas.

O Arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e retesa-vos com o seu poder para que as setas possam voar depressa para longe.

Que a vossa tensão na mão do Arqueiro seja de alegria.

Porque assim como Ele gosta da seta que voa, também gosta do arco que fica.

Khalil Gibran, *O Profeta*, Braga, AO, 1998, pp. 25-26

3. À luz deste texto, como é que eu sou amigo dos meus amigos? Com que liberdade, minha e deles?

DICAS para articular Exame e TPC

- Durante o dia de hoje, com que amigos me relacionei? Como estive nessa relação?
- E a minha amizade com Jesus? Que espaço teve? Como se alimentou?

Jesus e a justiça social

- Jesus não foi um agitador social, ou um revolucionário político. Anunciou o Reino de Deus, mas recusou quando o quiseram fazer rei, governante temporal. O Reino que anunciou não “é deste mundo”.
- A sua mensagem resume-se no mandamento do amor. Mas o amor “como Jesus amou” não pode ser nunca individualista ou espiritualista. É uma amor que não substitui nem dispensa a justiça.
- A caridade e o Reino pregados por Jesus não promovem nem autorizam o desinteresse ou o desprezo pelas realidades deste mundo, olhando só para o céu sem se ocupar da terra. O amor pregado por Jesus é universal e preferencial pelos mais pobres.
- Seguir Jesus exige de nós também empenho pela transformação do mundo, nas suas realidades sociais, políticas e económicas – o Reino de Jesus “não é deste mundo” mas não pode prescindir deste mundo.
- Continuamos a procurar o

**conhecimento interno de Jesus
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

1. Começo por me confrontar com este trecho do Evangelho

Mt 25, 31-46

³¹«Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. ³²Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos. ³⁴O Rei dirá, então, aos da sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. ³⁵Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, ³⁶estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.’ ³⁷Então, os justos vão responder-lhe: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber?’ ³⁸Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos?’ ³⁹E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?’ ⁴⁰E o Rei vai dizer-lhes, em resposta:

‘Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.’ ⁴¹Em seguida dirá aos da esquerda: ‘Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos! ⁴²Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, ⁴³era peregrino e não me recolhestes, estava nu e não me vestistes, doente e na prisão e não fostes visitar-me.’ ⁴⁴Por sua vez, eles perguntarão: ‘Quando foi que te vimos com fome, ou com sede, ou peregrino, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não te socorremos?’ ⁴⁵Ele responderá, então: ‘Em verdade vos digo: Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.’ ⁴⁶Estes irão para o suplício eterno, e os justos, para a vida eterna.»

- **Jesus identifica-se com os marginalizados, aqueles que são excluídos pela sociedade ou não conseguem encontrar nela a satisfação das suas necessidades básicas. Sinto-me interpelado? Como?**

2. A Igreja foi formulando e sistematizando as implicações sociais deduzidas da prática de Jesus. Aqui vão algumas citações para eu reflectir e avaliar o meu pensar, os meus compromissos e o meu agir enquanto cristão:

“a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens. É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente actualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar, sem a qual o desabranchamento pessoal quase não é possível, sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação.” *Evangelii Nuntiandi* 29

“Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de facto laços profundos:

- laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstracto, mas sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e económicos;
- laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada;
- laços daquela ordem eminentemente evangélica, que é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e autêntico progresso humano?” *Evangelii Nuntiandi* 31

“A acção pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja em prol da redenção e da libertação do género humano de todas as situações de opressão.” *Justiça no Mundo* 6

“A missão de pregar o Evangelho requer, nos tempos que correm, que nos comprometamos com a libertação integral da pessoa, já desde agora, na sua existência terrena. Se, efectivamente, a mensagem cristã sobre o amor e a justiça não mostra a sua eficácia na acção pela justiça no mundo, muito dificilmente ela será aceitável para as pessoas do nosso tempo.” *Justiça no Mundo* 36

“Mediante a sua obra e a sua doutrina, Cristo uniu, de modo inseparável, as relações com Deus e com os outros. (...) Com a sua pregação proclamou a paternidade de Deus para com todos e a intervenção da justiça do mesmo Deus em favor dos pobres e dos oprimidos. De tal modo Cristo se fez solidário com os seus irmãos «mais pequenos», que Ele mesmo disse: «Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a Mim o fizestes».” *Justiça no Mundo* 32

“Segundo a mensagem cristã, por conseguinte, a atitude da pessoa para com os demais é integrada na sua própria atitude para com Deus; a sua resposta ao amor de Deus, que nos salva através de Cristo, demonstra-se eficaz no amor e no serviço aos outros. No entanto, o amor cristão ao próximo não pode separar-se da justiça. O amor implica, de facto, uma exigência absoluta de justiça, que consiste no reconhecimento da dignidade e

dos direitos do próximo. A justiça, por sua vez, alcança a sua plenitude interior somente no amor.” *Justiça no Mundo* 35

“O desenvolvimento dos povos (...) é seguido com atenção pela Igreja. (...) uma renovada consciencialização das exigências da mensagem evangélica traz à Igreja a obrigação de se pôr ao serviço dos homens, para os ajudar a aprofundarem todas as dimensões de tão grave problema e para os convencer da urgência de uma acção solidária neste virar decisivo da história da humanidade.” *Populorum Progressio* 1

“O dever de solidariedade é o mesmo, tanto para as pessoas como para os povos (...). Se é normal que uma população seja a primeira a beneficiar dos dons que a Providência lhe concedeu como fruto do seu trabalho, é também certo que nenhum povo tem o direito de reservar as suas riquezas para seu uso exclusivo. Cada povo deve produzir mais e melhor, para dar aos seus um nível de vida verdadeiramente humano e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento solidário da humanidade. Perante a indigência crescente dos países subdesenvolvidos, deve considerar-se normal que um país evoluído dedique uma parte da sua produção a socorrer as suas necessidades; é também normal que forme educadores, engenheiros, técnicos e sábios, que ponham a ciência e a competência ao seu serviço.” *Populorum Progressio* 48

“é impossível aceitar ‘que a obra da **evangelização** possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves (...) no que se refere à **justiça**, à **libertação**, ao **desenvolvimento** e à **paz** no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o **amor para com o próximo** que sofre ou se encontra em necessidade’”. *Evangelii Nuntiandi* 31

3. Qual é que é a minha motivação para trabalhar pela justiça, o desenvolvimento, a paz? Sinto isso como um dever cristão?

Jesus prepara os apóstolos para a Missão

- Jesus anunciou o Reino de Deus – o projecto pelo qual deu a vida, a sua Missão. Mas só o inaugurou, não o completou.
- Foi explicando por palavras e por gestos o que era esse Reino – esse sonho de Deus para a humanidade. E deu sinais de que esse Reino, manifestação do amor poderoso de Deus, já estava presente no meio de nós.
- Ao mesmo tempo, convidou alguns a segui-Lo mais de perto para aprenderem em mais profundidade a sua mensagem – os discípulos (os que escutam, aprendem).
- E depois, a partir de certa altura, começou a prepará-los para serem eles a continuar o anúncio do Reino, para serem eles a completar a sua Missão. De discípulos, passam a apóstolos (enviados).
- Olhemos para a pedagogia de Jesus com os discípulos, o modo como os convida e os ensina a ser apóstolos, como Ele os treina... Procuramos, por esta perspectiva continuar a aprofundar o

**conhecimento interno de Jesus
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

- 1. A sequência do Evangelho que se segue mostra como Jesus prepara os discípulos para serem apóstolos: envia-os à experiência, ajuda-os a avaliar o que fizeram, desperta-os para terem uma atitude atenta às necessidades dos outros e estarem serem disponíveis para os servirem com tudo o que são e têm**

Marcos, 6-13; 30-44

Jesus percorria as aldeias vizinhas a ensinar. ⁷Chamou os Doze, começou a enviá-los dois a dois e deu-lhes poder sobre os espíritos malignos. ⁸Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado: nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto; ⁹que fossem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. ¹⁰E disse-lhes também: «Em qualquer casa em que entrardes, ficai nela até partirdes dali. ¹¹E se não fordes recebidos numa localidade, se os seus habitantes não vos ouvirem, ao sair de lá, sacudi o pó

dos vossos pés, em testemunho contra eles.» ¹²Eles partiram e pregavam o arrependimento, ¹³expulsavam numerosos demónios, ungiam com óleo muitos doentes e curavam-nos.

³⁰Os Apóstolos reuniram-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. ³¹Disse-lhes, então: «Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco.» Porque eram tantos os que iam e vinham, que nem tinham tempo para comer. ³²Foram, pois, no barco, para um lugar isolado, sem mais ninguém. ³³Ao vê-los afastar, muitos perceberam para onde iam; e de todas as cidades acorreram, a pé, àquele lugar, e chegaram primeiro que eles.

³⁴Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas. ³⁵A hora já ia muito adiantada, quando os discípulos se aproximaram e disseram: «O lugar é deserto e a hora vai adiantada. ³⁶Manda-os embora, para irem aos campos e aldeias comprar de comer.» ³⁷Jesus respondeu: «Dai-lhes vós mesmos de comer.» Eles disseram-lhe: «Vamos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?» ³⁸Mas Ele perguntou: «Quantos pães tendes? Ide ver.» Depois de se informarem, responderam: «Cinco pães e dois peixes.» ³⁹Ordenou-lhes que os mandassem sentar por grupos na erva verde. ⁴⁰E sentaram-se, por grupos de cem e cinquenta. ⁴¹Jesus tomou, então, os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem. Dividiu também os dois peixes por todos. ⁴²Comeram até ficarem saciados. ⁴³E havia ainda doze cestos com os bocados de pão e os restos de peixe. ⁴⁴Ora os que tinham comido daqueles pães eram cinco mil homens.

- 2. Cinco sublinhados para ajudar a ler a sequência pedagógica usada por Jesus:**

- **Jesus chamou os Doze e começou a enviá-los dois a dois.**

Sublinha a importância da comunidade. Não há *free-lancers* a servir a missão de Jesus. É sempre em Igreja que somos apóstolos.

- **Deu-lhes poder; os pães e os peixes, dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem.**
Jesus não os deixa sozinhos, está sempre presente a dar-lhes capacidade e força. A missão em que colaboram é a sua, por isso não se afasta daqueles que a ela foram enviados.
- **Reuniram-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito; e retiram-se para descansar.**
Jesus convida os apóstolos a partilharem com Ele a experiência de estar em Missão. Interessa-se, quer ajudar, animar, consolar.
- **Viu uma grande multidão e teve compaixão; e aos discípulos diz-lhes: ide ver.**
Ensina-lhes a atitude fundamental de disponibilidade para se deixarem interpelar, a atenção permanente às necessidades; e a vontade de fazerem o possível, de serem criativos e generosos.
- **Dai-lhes vós mesmos de comer.**
Desafia-os a servir, a assumirem essa atitude permanente.

3. O que é que mais me impressiona nesta pedagogia de Jesus?

4. Também eu, como todos os baptizados, sendo discípulo de Jesus, sou chamado a ser apóstolo, sou enviado por Ele ao mundo. Tenho consciência de que a continuação da Missão de Jesus no mundo passa por mim? Como respondo a esse chamamento a ser também apóstolo?

*Talvez a primeira reacção seja a de me sentir com poucas capacidades para continuar a Missão de Jesus. Importa considerar a seguinte verdade: **Jesus não chama para apóstolos os que são capazes; antes, Jesus torna capazes aqueles que chama para apóstolos!** O poder é um dom dele, não uma qualidade nossa. O Reino constrói-se por pequenos contributos, que até eu posso dar*

Tudo depende de ti

Um canto pode elevar a lama.
 Uma flor pode incitar um sonho.
 Uma árvore pode começar uma floresta.
 Um pássaro pode anunciar a primavera.
 Um sorriso pode começar uma amizade.
 Os aplausos podem encorajar um coração.
 Uma estrela pode orientar um barco.
 Uma palavra a tempo pode trazer a consolação.
 Um voto pode mudar uma nação.
 Um raio de Sol pode iluminar um quarto.
 Uma vela pode dissipar a escuridão.
 Um sorriso pode fazer desaparecer a tristeza.
 Um passo pode começar uma jornada.
 Uma sílaba pode começar uma oração.
 Uma esperança pode elevar o espírito.
 Uma carícia pode fazer começar o amor.
 Uma voz pode infundir a sabedoria.
 Um coração pode dar a verdade.
 Uma vida pode fazer a diferença.
 Tudo depende de ti!

DICAS para articular Exame e TPC

- Vivi, de alguma maneira, o meu dia como apóstolo em Missão?
- Senti-me, nalgum momento, desafiado a olhar uma situação ou uma necessidade com o olhar de Jesus? Qual foi a minha resposta?
- Que tempo dei a Jesus para lhe falar da Missão? Que atenção aos outros em maior necessidade? Como partilhei os meus dons?

O modo de viver de Jesus, em síntese

- Jesus veio anunciar/inaugurar o Reino de Deus. Tudo o que disse e fez tinha como objectivo fazer-nos perceber o que é esse Reino e como é que ele se constrói. Mas Ele disse também: **“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”** (Jo 10, 10). Tudo o que Jesus disse e fez configura o modelo mais certo para o nosso viver.
- Quanto mais vivemos como Jesus viveu mais vida experimentaremos, mais realizados e felizes nos sentiremos. Era esse o seu objectivo: **“Manifestei-vos estas coisas para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa”** (Jo 15, 11).
- No momento crucial da sua vida, quando já tinha ensinado tudo e quando se aproximava a prova de fogo da sua coerência, Jesus inventa um sinal para deixar aos seus discípulos que sintetiza toda a sua vida até aí e tudo o que ia passar a seguir, isto é, um símbolo que resume claramente todo o seu modo de viver, da Encarnação à Ressurreição: Jesus viveu a vida toda dando a vida e deu a vida toda até ao fim.
- A Eucaristia é o símbolo, sinal, resumo, síntese... que nos põe diante, num só olhar, a constante essencial do modo de viver de Jesus – aquilo que está presente em todos os seus gestos e palavras, encontros e diálogos, milagres e ensinamentos, discursos e parábolas... O modo de vida de Jesus é “eucarístico”.
- Olhemos para a riqueza do símbolo da Eucaristia para, em síntese, conseguirmos um maior

**conhecimento interno de Jesus
que, por mim, se fez homem,
para que mais o ame e o siga**

1. Considero atentamente as palavras de Jesus – que escuto em cada celebração da Eucaristia – e procuro perceber os sentimentos com que Jesus as pronunciava, o significado que tinham para Ele. “Corpo” significa a pessoa toda, tudo o que tem e é; “sangue” significa a vida, a fonte da energia vital... Jesus não está a repetir palavras (como os padres a celebrar a missa...) está a criar uma realidade nova naquele momento, pondo aí toda a força de verdade e de compromisso. Olho e escuto Jesus.

Lucas 22, 14-16, 19-20

¹⁴Quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os Apóstolos com Ele. ¹⁵Disse-lhes: «Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer, ¹⁶pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus.» ... ¹⁹Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.» ²⁰Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.»

João 12, 24-26

²⁴Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. ²⁵Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna. ²⁶Se alguém me serve, que me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo. Se alguém me servir, o Pai há-de honrá-lo.

2. Na Eucaristia, Jesus dá-se-nos em todo o seu ser e toda a sua vida. É assim que sempre viveu: não guardando nada para si, dando-se todo aos outros. Consigo perceber a Eucaristia como um resumo e símbolo de toda a vida de Jesus? Que traços marcantes do seu viver melhor expressa? Identifico-os, ligando-os a outros episódios narrados no Evangelho.

3. Comungar Cristo-Eucaristia é querer comungar com o modo de viver de Jesus, acreditar que só a vida que se dá é verdadeiramente vivida. Participo na Eucaristia com o desejo de me comprometer a viver ao modo de Jesus?

4. Assim como Jesus inventou para os seus discípulos um sinal que resume todo o seu modo de viver, sou capaz de inventar um sinal para mim, que, pela repetição regular na minha vida, me recorde o modo como quero e me comprometo a viver?

Também conheço "pessoas-canal". É gente que se desgasta em palavras, que passa a vida a fazer coisas sem parar, que nunca analisa o que sabe e o que faz, que tudo o que lhe entra pelos ouvidos, mesmo importante, sai logo pela boca, sem disso tirar proveito nenhum. Sofrem a neurose da acção, têm que fazer muitas coisas e todas com pressa, julgam que estão a servir os outros, mas esse seu serviço é, às vezes, um modo de esconder e acalmar o seu vazio de alma. Pessoas-canal são alguns jornalistas e alguns apóstolos (padres ou leigos), quando dão e não aproveitam. E, depois de dar, sentem-se vazios.

Conheço muito menos "pessoas-fonte": pessoas que dão daquilo que transformaram na sua substância de alma, que repartem como a chama, que acende a do vizinho sem diminuir a própria, porque recriam tudo o que vivem e porque repartem tudo o que recriaram. Dão sem se esvaziar, regam sem se diminuir, oferecem a sua água sem seca-rem.

Cristo – penso – deve ter sido assim. Ele era a fonte que brota sem se extinguir, a água que acalma a sede para a vida eterna.

José Luís Martín Descalzo

Uma outra forma de descrever, em síntese, o modo de viver de Jesus...

AS TRÊS PLENITUDES

Diz Santo Alberto Magno que existem três géneros de plenitudes:

*a plenitude do copo, que retém e não dá;
a plenitude do canal, que dá e não retém;
a plenitude da fonte, que cria, retém e dá.*

Conheço muitas "pessoas-copo". Dedicam-se a armazenar virtudes, ciência ou conhecimentos, lêem tudo, colecionam títulos, sabem tudo o que se pode saber, mas julgam que, com isso, terminaram a sua tarefa e alcançaram o cume: não repartem a sua sabedoria nem a sua alegria. Têm muito, mas não partilham. São maravilhosos, mas maravilhosamente estéreis. São simples servidores do seu egoísmo.

DICAS para articular Exame e TPC

- Qual foi o meu "modo de viver" hoje? Trouxe "vida em abundância", "alegria plena"? Em que é que acertei? O que faltou?
- Fui predominantemente "copo", "canal" ou "fonte"?
- Fui de algum modo, explícita ou implicitamente, inspirado pela Eucaristia?